

**Segunda noite:** O Messianismo na Política  
*Prof. Jung Mo Sung*

**Terceira noite:** Aspectos Religiosos do Messianismo  
*Profa. Nancy Cardoso Pereira*

**Quarta noite e encerramento:** Para dirigir os trabalhos junto aos participantes, levantando sugestões e pistas pastorais, Pe. Antonio Manzatto e Pe. Márcio Romeiro, apresentaram Propostas e Encaminhamentos.

A Semana Teológica Ecumênica transcorreu num clima de amizade e de debate, resultando no bom aproveitamento dos participantes.

Para partilhar com aqueles que, por vários motivos, não puderam comparecer, publicamos as palestras que seguem.

Queremos mais uma vez expressar nossos agradecimentos aos membros do Seminário Presbiteriano Independente que nos acolheram com muito carinho.

A Redação

## BLOCO I

II SEMANA TEOLÓGICA ECUMÊNICA  
MESSIANISMO EM DEBATE

### O MESSIANISMO: Visão histórica

*Gerson Correia de Lacerda*

#### INTRODUÇÃO

O Evangelho de Lucas, no seu capítulo 24, conta uma conhecida história a respeito de dois discípulos de Jesus. Tudo aconteceu depois da crucificação. Os dois discípulos desciam de Jerusalém para Emaús. No caminho, um desconhecido viajante juntou-se a eles. Teve início uma conversa a respeito dos últimos fatos ocorridos na cidade santa. O viajante pareceu estar completamente desinformado. E os dois discípulos se prontificaram a apresentar-lhe toda a história sobre um indivíduo que tinha sido crucificado.

Nesse diálogo, interessa-nos destacar as palavras usadas pelos discípulos ao se referirem a Jesus. Textualmente, eles afirmaram o seguinte: "Jesus de Nazaré era profeta e também considerado por Deus e por todo o povo como sendo poderoso em atos e palavras. Os chefes dos sacerdotes e os

nossos líderes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. E nós esperávamos que fosse ele quem iria libertar o povo de Israel! Porém, já faz três dias que isso tudo aconteceu" (Lucas 24.19-21).

É fácil perceber, nas palavras dos discípulos, um tom de intensa desilusão. Eles confessavam que tinham depositado suas esperanças em Jesus de Nazaré. Acreditaram que iria libertar o povo de Israel. Em outras palavras, os discípulos tinham pensado que Jesus de Nazaré seria o Messias. No entanto, sua morte vergonhosa por crucificação liquidara com todos os sonhos. Os discípulos revelaram que se sentiam vítimas nas mãos de um líder que suscitara expectativa de libertação, mas que terminara morto pelas autoridades políticas e religiosas.

Nossa tarefa, nesta hora, é apresentar uma breve visão histórica do messianismo. A história narra-

da por Lucas serve para ilustrar o que representa o messianismo. Hans Kohn cunhou uma frase para definir o messianismo que se encaixa perfeitamente com o que disseram os discípulos. Segundo ele, o messianismo é a “crença na vinda de um redentor que porá fim à ordem presente de coisas, universalmente ou para um só grupo, instituindo neste mundo uma nova ordem de justiça e felicidade”.<sup>1</sup>

Era essa a crença dos discípulos. Viviam, sem dúvida alguma, esperanças messiânicas. Por isso vamos começar nosso estudo tratando exatamente do messianismo judeu, passando, a seguir, ao messianismo medieval e terminando no messianismo brasileiro.

Com base no estudo dessas três manifestações históricas do messianismo, pretendemos tirar algumas conclusões que nos ajudem a compreender melhor o momento em que vivemos, no qual o messianismo é um fenômeno que marca intensa presença.

### 1. MESSIANISMO JUDAICO

O texto de Lucas que acabamos de destacar não é o único a revelar a presença do messianismo entre os judeus. O livro de Atos

dos Apóstolos também conta que, no começo da história da Igreja, os seguidores de Jesus sofreram oposição por parte das autoridades religiosas do judaísmo. Tais autoridades travaram um grande debate a respeito de como deveriam agir diante dos apóstolos que propagavam a nova fé. Foi em tal contexto que despontou a figura de Gamaliel, um professor da Lei, que disse aos seus colegas que integravam o Sinédrio: “Homens de Israel, cuidado com o que vão fazer a estes dois (Pedro e João). Há pouco tempo apareceu um homem chamado Teudas, que dizia que era muito importante, e que com isso conseguiu reunir quatrocentos homens. Mas foi morto, todos os seus seguidores se espalharam e a revolta dele fracassou. Depois disso apareceu Judas, o Galileu, na época do recenseamento. Também conseguiu levar muita gente consigo, mas foi morto, e todos os seus seguidores foram espalhados. Portanto, não façam nada agora contra estes dois homens. Deixem que vão embora porque, se este plano ou este trabalho vem de seres humanos, desaparecerá. Mas, se vem de Deus, vocês não poderão destruí-lo, pois neste caso estariam lutando contra Deus!” (Atos 5.35-39).

Essas palavras de Gamaliel são muito úteis no estudo do messianismo judaico. São palavras reveladoras. Elas servem para nos indicar, pelo menos, duas coisas:

- em primeiro lugar, deixar claro que o messianismo era uma crença partilhada intensamente pelos judeus. Jesus não foi o único a ser tido como Messias. No seu rápido discurso, Gamaliel fez referência a dois outros, Teudas e Judas, que tinham conseguido também serem reconhecidos como salvadores enviados por Deus. Havia, portanto, entre os judeus daquele tempo, uma expectativa a respeito da chegada de algum Messias. Era relativamente fácil qualquer líder ser considerado como um Messias:

- em segundo lugar, as palavras de Gamaliel revelam que o messianismo judaico tinha uma base religiosa. Gamaliel deixava em aberto a hipótese de que os seguidores de Jesus pudessem estar trabalhando para Deus. Se fosse esse o caso, eles não poderiam ser derrotados. Isso significava que o próprio Gamaliel admitia que Deus estava para enviar ou já enviara um Messias para salvar o seu povo.

Tudo isso está perfeitamente de acordo com a análise do messianismo judaico que nos é apre-

sentada por Norman Cohn, no seu texto clássico: “Na Senda do Milênio”.

Norman Cohn chama a atenção para o fato de que “os judeus eram os únicos que combinavam um monoteísmo sem compromissos com uma inabalável convicção de serem o povo escolhido do único Deus.”<sup>2</sup>

Esses dois elementos estavam na raiz do messianismo dos judeus. Na medida em que criam num único Deus, eles desacreditavam nos deuses dos outros povos, como afirmavam no Salmo 115: “As outras nações perguntam: Onde está o Deus deles? O nosso Deus está no céu; ele faz tudo o que quer. Os deuses das outras nações são de prata e de ouro, e são feitos pelas mãos dos homens”. E, na medida em que criam serem o povo escolhido do único Deus, os judeus se convenceram de que tinham uma missão especial dentre todos os outros povos.

Essas duas crenças tiveram de ser defrontadas com a dura realidade vivida pelo povo judeu. Os judeus criam que o seu Deus era o único e que haviam sido escolhidos por Ele para uma missão divina. No entanto, ao invés de serem bem sucedidos, eles passavam por derrotas e humilhações

1. Queiroz, p.10

2. Cohn, p.15

diante dos outros povos que inham falsos deuses. Ao invés de vencerem seus inimigos e, assim, estabelecerem o Reino do Deus único e verdadeiro, os judeus passavam continuamente pela dura experiência de verem reinos gentios conquistarem glórias e vitórias.

Foi assim ao longo de todo o Antigo Testamento, bem como no período interbíblico e chegando aos tempos do Novo Testamento. Os judeus foram dominados por egípcios, babilônios, assírios e romanos. Todos esses povos formaram vastos e poderosos impérios, apesar de não serem escolhidos pelo Deus único e verdadeiro, e apesar de servirem a falsos deuses. A história parecia negar a validade da fé. Os fatos iam contra as crenças dos judeus.

Diante disso, o que foi que aconteceu? Será que os judeus abandonaram a sua fé? Desistiram do seu Deus e aderiram aos deuses dos dominadores?

Norman Cohn responde dizendo assim: "Precisamente por estarem tão profundamente convencidos de serem o Povo Eleito, os judeus tinham a tendência para reagir ao perigo, à opressão e às dificuldades com quimeras ou imagens do triunfo total e da prosperidade sem limites que Jeová,

na sua onipotência, haveria de conceder aos seus Eleitos na plenitude dos tempos".<sup>3</sup>

Foi exatamente esse o assunto da literatura profética e apocalíptica.

Os profetas anunciaram que haveria de chegar o Dia de Jeová, em que o universo seria abalado, e Deus estabeleceria o seu Reino. Is-rael vingá-ria-se ia, então de todos os seus inimigos. Um rei, descendente de Davi, restabeleceria o poder de Israel. E haveria paz e justiça, abundância de alimentos e riquezas, saúde e bem estar. Exemplo típico de tal profecia é o conhecido texto de Isaías, onde se lê: "O povo que andava na escuridão viu uma forte luz; a luz brilhou sobre os que viviam nas trevas. Tu, ó Deus, aumentaste esse povo e lhe deste muita felicidade. Eles se alegram pelo que tens feito, como se alegram os que fazem as colheitas ou como os que repartem as riquezas tomadas na guerra. Tu arrebastaste as suas correntes de escravos, quebraste a vara com que eram castigados; acabaste com o inimigo que os dominava. As botas barulhentas dos soldados e todas as suas roupas sujas de sangue serão completamente destruídas pelo fogo. Pois, já nasceu uma criança, Deus

nos mandou um menino que será o nosso rei. Ele será chamado de Conselheiro Maravilhoso, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz. Ele será descendente do rei Davi; o seu poder como rei crescerá, e haverá paz em todo o seu reino. As bases do seu governo serão a justiça e o direito, desde o começo e para sempre".

À literatura profética juntou-se a apocalíptica. Norman Chon chama a atenção para o fato de que a literatura apocalíptica era dirigida "aos extratos mais baixos da população judaica como forma de propaganda nacionalista e seu tom era mais cru e jactancioso".<sup>4</sup>

Exatamente isso é o que percebemos no capítulo sétimo do livro de Daniel. Nesse texto, é apresentada uma visão de quatro monstros enormes, representando quatro reis que dominaram o mundo. E a visão termina afirmando que, sob o quarto rei, o povo de Deus seria dominado, mas, depois de três anos e meio, Deus mesmo iria interferir na história. "E o Reino, e o poder e a glória serão dados ao povo do Altíssimo Deus, e o povo de Deus governará o mundo inteiro para sempre; todos os outros povos o servirão; todos lhe obedecerão".

Foi a literatura profética e apocalíptica que sustentou a fé do povo de Israel sobre a opressão. Foi essa literatura que forneceu a chave para a compreensão dos fatos históricos adversos e alimentou a esperança de que, um dia, tudo seria transformado. Essa literatura não negava a realidade que todos conheciam. Ao contrário, ela reconhecia a existência de poderes malignos sobre o mundo. Mas, ao lado disso, anunciava a interferência divina em favor do seu povo, com a chegada de um Messias.

E a expectativa messiânica fez que muitos líderes que despontaram no meio do povo judeu fossem examinados ansiosamente. Todos perguntavam diante de cada indivíduo que se destacava: seria ele o Messias?

E não foram poucas as figuras da história do povo judeu que se aproveitaram disso para a ampliação do seu poder pessoal, transformando seus adeptos em fanáticos dispostos a quaisquer sacrifícios na luta pelo estabelecimento do Reino.

Era exatamente disso que falava Gamaliel. Teudas e Judas haviam sido dois pretensos Messias daqueles tempos. Constituíam-se em exemplos claros da presença do messianismo entre os judeus.

3. Ibidem, p.15

4. Ibidem, p.4

## 2. MESSIANISMO MEDIEVAL

Do messianismo judaico passamos ao messianismo medieval. O salto entre um e outro é grande. Deve ser antecedido por uma palavra, ainda que rápida, sobre o messianismo cristão nas suas origens.

Como se sabe, os cristãos são aqueles que reconhecem em Jesus de Nazaré a figura do Messias. Isso deveria significar o fim do messianismo entre os cristãos. Afinal, quem crê que o Messias já veio não aguarda mais a vinda de outros messias.

No entanto, vários elementos se combinaram para que, também entre os cristãos, persistisse o messianismo.

Dentre eles destacamos os seguintes:

a) os cristãos herdaram dos judeus a literatura profética e apocalíptica;

b) os cristãos, semelhantemente aos judeus, também viveram de baixo da opressão, nos três primeiros séculos de nossa era;

c) os cristãos desenvolveram uma literatura apocalíptica própria que os ajudava a suportar a opressão, na medida em que alimentava a esperança da volta do Messias para estabelecer o seu Reino.

Na verdade, este último elemento é a chave para se compreender a persistência do messianismo entre os cristãos. Ele aponta para

o fato de que os cristãos, além de crerem que o Messias já veio, também acreditam que o Messias haverá de voltar.

É disso que nos fala o livro do Apocalipse, nos seus capítulos 19 e 20, onde lemos as seguintes palavras: "Em seguida vi o céu aberto, e apareceu um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro. Ele julga e combate com justiça... Vi também as almas dos que foram degolados porque haviam anunciado a mensagem de Deus e a verdade que Jesus revelou... Tornaram a viver e reinaram com Cristo durante mil anos".

Esse texto é muito importante. Fala a respeito do Milênio, isto é, sobre o reinado de Cristo aqui na terra, antes da ressurreição dos mortos e do juízo final, com a criação de um novo céu e de uma nova terra. Anuncia, portanto, que há lugar para uma expectativa messiânica mesmo entre os cristãos.

Essa expectativa messiânica foi muito forte entre os cristãos, durante todo o período em que a Igreja viveu numa situação precária, perseguida ou não reconhecida pelo Império Romano.

Tudo mudou, porém, quando a Igreja Cristã tornou-se uma importante aliada do poder, depois de Constantino. A situação privilegiada da Igreja fez com que se

desenvolvesse oficialmente a doutrina de que o Milênio já era uma realidade, com a presença da Igreja. Não havia mais porque esperá-lo.

Foi exatamente isso o que escreveu Eusébio de Casaréia: "Este novo estágio que a Igreja está vivendo era o espetáculo pelo qual orávamos e ansiávamos.

De acordo com uma predição profética, que dizia misticamente o que iria acontecer, osso se junta a osso e articulação a articulação... há um poder do Espírito Santo percorrendo todos os membros..."<sup>5</sup>

Essas palavras servem para indicar, claramente, que, na tradição oficial da Igreja, já não havia mais lugar para esperanças apocalípticas. Já se vivia o tempo do Milênio, pelo menos no ocidente cristão.

No entanto, entre as camadas mais baixas e desprivilegiadas do Império Romano, não havia razão nenhuma para o abandono das crenças que anunciavam grandes mudanças pelo retorno do Messias. Por isso, a tradição apocalíptica persistiu na religião das camadas populares. Em época de crise, chegou mesmo a tornar-se mais forte. E inovações foram sendo acrescentadas.

À simples volta do Messias para estabelecer o seu reino milenar, juntou-se a crença na volta

de um imperador semelhante a Constantino, como rei messiânico, o imperador dos últimos dias. Era disso que falavam os oráculos sibilinos medievais, uma literatura apocalíptica influenciada pela apocalíptica judaica e cristã.

Esse acréscimo teve uma implicação política profunda. O povo passou a esperar o surgimento do Imperador dos últimos dias, que iria trazer uma Idade de Ouro. E cada monarca, que despontava no cenário histórico com grande força e poder, passava a ser encarado como o provável cumprimento das profecias. Isso, evidentemente, não deixava de ser percebido pelo monarca em quem eram depositadas as esperanças messiânicas, o qual passava a explorá-las em seu próprio benefício.

Temos, portanto, até aqui alguns dos elementos que compuseram o messianismo medieval: a literatura e as crenças apocalípticas; a esperança do retorno de Cristo para estabelecimento de seu reino milenar; e os oráculos sibilinos que anunciavam a vinda de um poderoso imperador nos últimos dias.

Resta acrescentar mais um elemento. De fato, o messianismo medieval também foi fortemente alimentado pela dissidência religiosa.

5. Eusebius, pp. 382,383

Voltamos, mais uma vez, a Norman Cohn. Ele escreveu o seguinte: "Sem dúvida, a Igreja teve um papel preponderante na criação e na manutenção da civilização medieval... No entanto, teve sempre dificuldades em satisfazer cabalmente as aspirações religiosas que fomentava... Riqueza e ambições políticas entre o alto clero, concubinagem e laxismo sexual entre o baixo clero, tais eram as coisas de que se queixavam os leigos... Os critérios pelos quais a Igreja era julgada, eram aqueles que a própria Igreja tinha apresentado como um ideal aos povos da Europa; critérios do Cristianismo primitivo tal como se retratava nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos"<sup>6</sup>.

A citação é longa, mas chama a atenção para outro elemento que gerou muitas manifestações de messianismo na Idade Média. Havia uma contradição entre a mensagem evangélica e a realidade da Igreja. A Igreja estava ligada ao poder. Sacralizava a ordem medieval. Era uma instituição rica. No entanto, a mensagem evangélica proclamada pela Igreja exaltava a pobreza e os que se colocavam como servos nos últimos lugares. Falava de um Cristo que convivera

com gente humilde e que não tivera onde reclinar a cabeça.

Em épocas de crise e de insatisfação social, quando aumentava o ardor religioso do povo, essa contradição gerava o aparecimento de pregadores e de movimentos que escapavam totalmente ao controle da Igreja. Tais pregadores e movimentos atacavam a própria Igreja, rica e poderosa. E muitos deles acabaram se transformando em objeto das esperanças messiânicas.

Foi assim que, durante a Idade Média, a Europa experimentou o aparecimento de muitos e diferentes messias. Por um lado, líderes políticos foram vistos e apresentados como o "Imperador dos Últimos Dias". Por outro lado, pregadores que criticavam a Igreja juntaram adeptos que os consideravam divinos ou semi-divinos.

Em tal situação, convém acrescentar ainda a influência da obra de Joaquim de Fiore (1145-1202). Providenciou ele uma interpretação da história, dividindo-a em três idades: Idade do Pai ou da Lei; Idade do Filho ou do Evangelho; e Idade do Espírito Santo, quando se estabeleceria o Reino de Deus. De acordo com Joaquim de Fiore, a Idade do Espírito San-

to ainda não começara. Estava, de fato, para acontecer. E era necessário preparar o caminho para a sua chegada.

Na preparação para o estabelecimento da Idade do Espírito Santo, um imperador haveria de surgir. Seria ele o responsável pela correção da Igreja em todos os seus desvios.

Isso significa que a obra de Joaquim de Fiore propiciava a junção de vários elementos que compunham o messianismo medieval.

Graças a ela, líderes políticos, que se apresentavam como o Imperador dos Últimos Dias, podiam ser acolhidos popularmente pelos que estavam insatisfeitos com a riqueza e a corrupção da Igreja. Ou, para dizer de outra maneira, o Imperador dos Últimos Dias não seria um Messias da Igreja ou dos poderosos. Ao contrário, seria um Messias dos pobres e para os pobres.

Durante a Idade Média, foram muitos os movimentos messiânicos. Apresentavam diferenças entre si. Tinham, porém, esse ideal em comum: pretendiam fazer com que a terra se transformasse num paraíso, debaixo da orientação de um indivíduo mandado por Deus.

### 3. MESSIANISMO BRASILEIRO

Do messianismo medieval, saltamos para o messianismo brasileiro. Novamente, o salto é muito grande. Deve ser antecedido por uma palavra que explique a passagem entre um e outro.

A transição do messianismo medieval para o messianismo brasileiro pode ser apresentada através das crenças sebastianistas, que serviram de base para alguns movimentos messiânicos ocorridos no Brasil.

É Maria Isaura Pereira de Queiroz quem escreve dizendo: "Entre 1530 e 1540, o sapateiro Bandarra escrevera trovas em que compilava uma série de profecias então correntes, provenientes de diversas fontes; prometiam a vinda de um grande príncipe e senhor, o Encoberto, que daria infalivelmente a Portugal a hegemonia sobre as outras nações"<sup>7</sup>.

Podemos perceber que as trovas de Bandarra se encaixavam perfeitamente no messianismo medieval que acabamos de descrever. Falavam da vinda de um líder que traria o paraíso. Mas, ao mesmo tempo, revelavam um caráter nacionalista, pois anunciavam a hegemonia de Portugal sobre outros povos.

6. Cohn, p. 29

7. Queiroz, p. 195

Essas trovas tiveram larga circulação em Portugal. Por fim, quando em 1580 morreu o rei português Dom Sebastião e Portugal ficou sob o domínio espanhol, as trovas de Bandarra tiveram outra aplicação. O Encoberto, príncipe e senhor, que daria a hegemonia a Portugal, foi identificado com Dom Sebastião, que haveria de retornar.

As crenças sebastianistas tiveram vida longa. Não permaneceram somente em Portugal. Chegaram também até o Brasil.

Evidentemente, aqui no Brasil, adquiriram características novas. Maria Isaura Pereira de Queiroz afirma: "No Brasil... Dom Sebastião é um grande rei que distribuirá entre seus adeptos imensas riquezas e cargos honoríficos, instalando no mundo o paraíso terrestre... Em princípio do século XIX, não tinha mais sentido para os brasileiros a recondução de Portugal à liderança entre as nações; o que importava era o enriquecimento individual e a ascensão social... A figura de Dom Sebastião é, pois, a de um monarca de magnificência oriental, a distribuir bens às mancheias".<sup>8</sup>

As crenças sebastianistas estiveram presentes em alguns dos mais expressivos movimentos messiânicos

ocorridos no Brasil. Dentre eles destacamos os seguintes:

a) A cidade do Paraíso Terrestre, fundada por Silvestre José dos Santos, chamado de O Profeta, por volta de 1817, em Pernambuco. Seus adeptos criam que, se fossem atacados, D. Sebastião os tornaria invisíveis e que, quando chegassem a mil pessoas, D. Sebastião retornaria para instalar o paraíso na terra toda;

b) O Reino Encantado, também em Pernambuco, organizado por João Antônio dos Santos e João Ferreira, por volta de 1836, e que anunciava que D. Sebastião estava para chegar e distribuir riquezas entre os seus seguidores;

c) O Império do Belo Monte, fundado por Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como Antônio Conselheiro, na Bahia, no final do século XIX, que se colocou contra a proclamação da República, considerando-a como reinado do Anticristo, anunciando que Dom Sebastião iria trazer o paraíso para a terra, a partir de Canudos.

É claro que nem todos os movimentos messiânicos ocorridos no Brasil inspiraram-se em crenças sebastianistas. Todavia, mesmo

quando as crenças sebastianistas não estiveram presentes, podemos afirmar que eles apresentaram certas características em comum: "todos têm como fulcro um indivíduo que se acredita possuir atributos sobrenaturais e que vaticina catástrofes de que só se salvarão os seus adeptos; estes buscam ou desencantar um Reino ou fundar uma Cidade Santa, pondo para isto em prática os comportamentos aconselhados pelo líder. Os caracteres do Reino messiânico também são do mesmo tipo geral: trata-se de um Reino Celeste, que existirá neste mundo, dotado de atributos maravilhosos, lugar onde não se adoce, onde não se precisa trabalhar, onde se é plenamente feliz, onde residem os Santos".<sup>9</sup>

Lendo atentamente essas características históricas dos movimentos messiânicos, entendemos porque tivemos tantos Messias em nossa terra. Afinal, num país religioso, profundamente religioso, e ao mesmo tempo em que muitos vivem na miséria, nada é mais compreensível do que o surgimento de líderes saudados como Messias, com miraculosas promessas de salvação.

## Conclusão

De tudo o que foi dito a respeito da história do messianismo, queremos destacar as seguintes conclusões:

a) sua inspiração é de origem religiosa, isto é, repousa na crença em uma atuação divina para o restabelecimento da ordem, do bem, e da justiça;

b) sua manifestação se concretiza em épocas de crise, quando as pessoas se sentem desorientadas e impotentes para a solução de seus problemas e dificuldades;

c) seu ritmo obedece a uma determinada ordem: a princípio, existe a espera pelo Messias; depois, surge a figura que encarna os ideais messiânicos, dando origem a um movimento; finalmente, após as decepções com fracasso do movimento messiânico, volta outra vez o tempo da espera.

Apesar de ser ampla e longa a história do messianismo, percebemos, nos dias de hoje, que manifestações de movimentos messiânicos continuam a ocorrer. Talvez nesse sentido possamos repetir as palavras de um estudioso que disse: "a história faz as utopias e as utopias fazem a história".<sup>10</sup>

8. Ibidem, p. 197/198

9. Ibidem, p. 283

10. Desroche, p. 176

## Bibliografia

- COHN, N., *Na senda do Milênio - milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*, Lisboa, Editorial Presença, 1981
- DESROCHE, H., *Sociologia da Esperança*, São Paulo, Edições Paulinas, 1985
- EUSEBIUS, *The History of the Church*, Suffolk, Penguin Books, 1986
- NOGUEIRA, A., *Antonio Conselheiro e Canudos*, São Paulo, Editora nacional, 1978

QUEIROZ, MARIA ISAURA, P., *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1965

Endereço para correspondência com o autor:

**Casa da Reconciliação**

Rua Afonso de Freitas, 704 - Paraíso

04006-052 - São Paulo - SP

(aos cuidados do Pe. José Bizon)

## O MESSIANISMO: ESTUDO E INTERPRETAÇÃO SOCIOLÓGICA DE UM CASO - UMA COMUNIDADE PROTESTANTE NO CATULÉ

*Prof. Leonildo Silveira Campos*

Este estudo tem por objetivo analisar o messianismo do ponto de vista da sociologia, privilegiando nessa abordagem um surto messiânico-milenarista ocorrido entre protestantes, em 1955, num sítio chamado "Catulé", no município de Malacacheta, próximo a Teófilo Otoni, Estado de Minas Gerais. Através deste procedimento pretendemos lançar luz sobre as relações entre o fenômeno religioso e a sociedade que tornaram possível o surgimento daqueles movimentos aqui genericamente chamados "messiânicos".

Maria Isaura Pereira de Queiroz fez uma apanhado geral dos movimentos messiânicos brasileiros. Abordou com detalhes o fenômeno acontecido entre alemães de origem luterana, no século XIX, na região de S. Leopoldo, Rio Grande do Sul, que passou para a história com o nome de "Mucker". Todavia, neste seu texto, hoje clássico da sociologia brasileira, nenhuma linha foi dedicada às "aparições do demônio no Catulé", apesar da excessiva divulgação recebida pela imprensa sensacionalista em 1955, de sua recriação pelo teatro, na

peça "Veredas de Salvação" e depois num filme homônimo. O acontecido no Catulé foi analisado academicamente em poucas oportunidades. Na primeira delas por um grupo de intelectuais paulistas que publicou em 1957 o resultado de sua pesquisa em "Estudos de Sociologia e História". A segunda vez que a academia procurou analisar aqueles eventos foi em 1993. Nesse ano, o professor Renato da Silva Queiroz defendeu tese de livre-docência, na Universidade de S. Paulo, sob o título "A Caminho do Paraíso - Estudo Antropológico sobre o surto messiânico - milenarista do Catulé".

Trata-se, portanto, de um assunto relativamente desconhecido, tanto na área acadêmica como também no meio teológico e religioso brasileiro. Daí o motivo pelo qual o escolhemos para objeto de nossa reflexão sobre as relações entre o messianismo e as condições concretas de uma determinada sociedade. Queremos com isto nos inscrever dentro daquela tradição de se apresentar a religião como uma manifestação de seres humanos concretos, que ao com-